



O Território de Intervenção de Entre Serra da LOusã e Zêzere apresenta como **elementos físicos** dominantes as **serras de xisto** da Cordilheira Central, em particular a Serra da Lousã, e as inúmeras **linhas de água** que alimentam as **bacias hidrográficas** dos rios **Mondego** e **Zêzere**, designadamente os rios Alva, Mondego, Ceira, Arouce, Dueça, Unhais e Zêzere, as ribeiras de Alge, Pera e Mega, e as albufeiras de Santa Luzia, Cabril, Alto Ceira e Bouçã (figura 3).

O quadro **morfo-estrutural** regional é diverso e complexo: no sector setentrional e ocidental, destaca-se a Bacia Sedimentar de Lousã-Góis-Arganil, o rebordo montanhoso do Maciço Antigo (Serra do Carvalho e Serra de Vila-Senhor da Serra) e o alinhamento quartzítico Buçaco-Atalhadas-São Pedro Dias-Penedos de Góis; a nascente e a sul, erguem-se os recortes cenográficos das subunidades das serras de xisto do Centro de Portugal: Serras da Lousã, Caveiras e Açor; Superfície de Pedrógão, Serras do Médio Zêzere e Cristas Quartzíticas, respectivamente.

A tectónica e a litologia explicam, em grande parte, os profundos contrastes paisagísticos no interior de ELOZ, com o levantamento vigoroso da Cordilheira Central, a sul de Miranda do Corvo e Lousã, e sua projecção até perto do Zêzere, embora de forma mais suave, e uma rede hidrográfica relativamente densa e encaixada que se reparte entre as bacias do Mondego e do Zêzere. O mapa hipsométrico e o mapa de declives (figuras 4 e 5) reflectem estes traços fisiográficos diferenciados do Território de Intervenção.

Relativamente à **litologia** dominam os xistos e os grauvaques ante-ordovícicos. É possível reconhecer ainda a presença de imponentes cristas quartzíticas (Pico do Espinhal, Penedos de Góis, Fajão e Santa Luzia) e granitóides (como, por exemplo, no Coentral e em Vila Nova), assim como diversos materiais sedimentares (areias, arenitos, argilas, entre outros) em particular nos sectores aplanados ou de pequena altitude entre a Serra da Lousã e o Rebordo Montanhoso do Maciço Antigo.

A **Serra da Lousã**, como subunidade morfo-estrutural mais representativa, configura uma espécie de **guarda avançada** que marca o limite ocidental da Cordilheira Central (o mais importante bloco montanhoso do país e a coluna dorsal da Península Ibérica). «Rigidamente orientada de nordeste para sudoeste (...) ergue-se bruscamente com fortes declives», principalmente nas vertentes setentrionais, alternando com patamares suavemente ondulados e em cima quase aplanados (Planalto da Neve, 1193 metros), donde sobressai o majestoso Altar (Alto ou Castelo) do Trevim» (1205 metros) (DIAS e REBELO, 1985: 5).

«O seu substrato é constituído essencialmente por «(...) xistos e grauvaques ante-ordovícicos, pouco metamorfizados, muitas vezes já alterados e frequentemente atravessados por filões de quartzo com várias direcções e espessura também variável (...)» (ALEGRIA, 1976: 188-189), e por vezes poderosamente escavados como no vale do rio Arouce, onde esse agente modelador externo corre bastante apertado.

Litologicamente destacam-se ainda alguns afloramentos de quartzito, os mais importantes, sem dúvida, as imponentes bancadas de quartzitos silúricos, enraizados e alcandorados nas suas extremidades, «(...) bem individualizadas pela erosão (...)» (GIRÃO, 1938: 9), baptizadas com os topónimos Crista ou o Pico do Espinhal (854 metros) e Penedos de Góis (1043 metros), por vezes encimadas por formações cretácicas e pleistocénicas, como acontece em Sacões, com os depósitos do tipo “raña” resultantes de grandes movimentos de massa ocorridos possivelmente no vilafranquiano.

As rochas intrusivas estão igualmente presentes em pequenas manchas na serra da Lousã: o granito alcalino, na aba sul da serra, nas imediações dos Coentrais e, mais para sul, em Figueiró dos Vinhos e em Pedrógão; os quartzodioritos na área de Vila Nova (Miranda do Corvo), e ainda no limite setentrional da freguesia do Espinhal.

A **dinâmica fitogeográfica** de ELOZ reflecte, nas suas grandes linhas estruturais, a substituição maciça das **espécies folhosas tradicionais** (carvalhos, castanheiro e medronheiro), inicialmente por resinosas (especialmente o pinheiro bravo), e mais tarde, em particular desde meados do século XX, por folhosas exóticas (de que o eucalipto é o exemplo mais significativo).

Primeiro, nos meados do século XIX, em resposta ao estado caótico dos vários estratos do ecossistema vegetal tradicional, iniciou-se, ou pelo menos, fomentou-se em escala até então desconhecida, a plantação particular de pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) em extensas áreas de baldios, entretanto aforados e alienados em crescendo, indistintamente nas vertentes escavadas e improdutivas das serras da Lousã, Caveiras e Açor, e nas colinas sedimentares da Bacia da Lousã, geralmente ocupando solos pobres, arenosos ou argilosos, resultantes da alteração dos xistos, não raras vezes pouco espessos e pouco evoluídos,



movimento a que o poder municipal, a espaços, deu também algum contributo, introduzindo igualmente folhosas (carvalhos, castanheiros e medronheiros), no intuito de conter as impetuosas torrentes que se precipitavam da montanha e causavam gravíssimos prejuízos (CARVALHO, 1999).

Nova etapa no povoamento florestal marca o alvore do século XX, em resultado da aplicação do regime florestal parcial, primeiro às matas do Sobral, Braçal e Cabeça Gorda (Lousã), genericamente nas colinas sedimentares ao norte do Ceira e na mata do Sobral (serra de Sacões), e depois, nos anos 20 e seguintes, ganhando novo impulso, generaliza-se a (quase) toda a montanha, sem que no entanto a alienação dos baldios até quase aos meados do século XX, e a actividade florestal a título individual tenham cessado, esta última incrementada nos últimos lustros, mediante a generalização do plantio de eucalipto.

Assim, a **actual cobertura vegetal de ELOZ**, diferindo radicalmente da primitiva cobertura vegetal constituída principalmente por folhosas caducifólias, em se destacavam o **carvalho alvarinho** (*Quercus robur*), o **carvalho negral** (*Quercus pirenayca*) principalmente nas áreas de maior altitude, o **sobreiro** (*Quercus suber*) nas «(...) zonas de climas mais temperados e secos» (PAIVA, 1988: 82), e o **castanheiro** (*Castanea sativa*) subindo pelos vales apertados dos ribeiros, é constituída essencialmente por resinosas, mormente o **pinheiro bravo** (*Pinus pinaster*), por **eucalipto** (*Eucalyptus globulus*), e pequenas **manchas de folhosas**, quer em povoamentos puros, como é o caso do castanheiro (*Castanea sativa*) refugiado nas encostas meridionais que confinam com a ribeira de São João e em outros núcleos serranos de excepção, quer em povoamentos mistos, como acontece principalmente no Cantão das Hortas, este último, aí, em apreciável processo de regeneração natural, para além de outras espécies de resinosas: pinheiros silvestre, negro e radiata; **“cedro” do Buçaco, abetos, cedro do atlas**, e de folhosas diversas, introduzidas pelos Serviços Florestais, que enriqueceram de sobremaneira a património florístico desta nesga da Cordilheira Central, estendendo-se até à Catraia e depois com incursão - embora mais limitada no tocante à sua representatividade espacial - até bem perto da superfície aplanada (1000 metros) que antecede o Altar do Trevim, não obstante a densidade desses revestimentos florísticos, no seu conjunto, ser relativamente fraca.

Nas últimas décadas a vaga de incêndios florestais e a acção do homem têm degradado profundamente essa floresta em grande parte dominada pelo pinheiro bravo, estendendo-se pela montanha os acaciais, os eucaliptais e as áreas desérticas.

De uma forma genérica, a partir dos 1100 metros de altitude, e em extensas áreas a cotas bem inferiores, como acontece por exemplo em certas vertentes das ribeiras de São João, Espinho, Alge e Mega, os estratos arbóreo e arbustivo rareiam, e apenas subsistem formações do tipo matos (**urzais, carquejais, tojais e giestais**), predominantes em solos empobrecidos, embora pouco exuberantes, e não raramente encontramos apenas afloramentos de rocha-mãe, cada vez mais extensas, cenário preocupante pois facilita a erosão do solo desencadeada em grande parte pela acção impetuosa das águas após as quedas pluviométricas mais ou menos intensas.

Apesar das suas características peculiares no âmbito da composição litológica (areias, argilas e blocos heterométricos por vezes enormes de quartzito), da orografia, da altimetria, da exposição solar, e até a da própria posição geográfica, a mata do Sobral, instalada na vertente ocidental da serra de Sacões, foi durante largas décadas «(...) a formação florística mais significativa como testemunho da cobertura natural da Serra da Lousã, já que de outras matas do mesmo tipo, que, no início do século passado, ainda existiam, como a Mata do Braçal e a Mata da Cabeça Gorda, praticamente nada resta actualmente» (PAIVA, 1988: 82).

Espécie característica das terras baixas, quantas vezes bordejando os campos e as propriedades rurais, a **oliveira** (*Olea europea*) ainda aí subsiste com forte representatividade, por vezes aventurando-se mais alto pois alcandorada nas encostas serranas (acompanhando a subida das linhas de água) até ao limite imposto pelas condições naturais (aproximadamente 650-700 metros de altitude), não obstante o quadro de declínio do seu aproveitamento, e o próprio processo de urbanização que progressivamente as tem sacrificado.

Também nas áreas de baixa altitude, se encontram, ainda em bom estado de conservação, **salgueiros, amieiros, choupos e outras espécies da borda de água**. Aliás, as inúmeras linhas de água, quase todas de carácter permanente, assumem enorme importância sobretudo para as espécies da fauna, como o lagarto-de água e a salamandra lusitânica, consideradas prioritárias no âmbito da Rede Natura.